

Conselho do governo alemão ao Brasil: negocie com os bancos.

Negociar, rapidamente, com os bancos credores, o pagamento dos juros sobre a sua dívida externa. Este foi o conselho que o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, ouviu de seu colega alemão, Gerhard Stoltenberg, durante encontro que mantiveram anteontem, em Bonn, terceira etapa de uma rápida viagem por cinco países europeus. Como sempre tem feito, Funaro procurou mostrar-se otimista, assinando que o encontro foi produtivo e em clima de compreensão, informa Hebe Guimarães, nossa enviada especial a Bonn. A impressão, porém, carece de resultados práticos, embora fontes próximas ao governo alemão — que não se manifestou oficialmente — comentassem que seu país tem interesse em conservar boas relações com o Brasil.

Funaro declarou, em Bonn, que o Brasil não pagará seus compromissos com o Exterior enquanto os governos e os bancos credores não tenham uma posição clara sobre a maneira de resolver, conjun-

tamente com os devedores, a crise do endividamento externo. Ele adiantou ainda, ao falar à agência alemã de imprensa, que há necessidade de “mecanismos de financiamentos novos e diferentes dos atuais, além de uma nova visão do problema da dívida, uma atitude de cooperação e solidariedade dos países credores”.

Funaro também esclareceu que a sua atual viagem, de contato apenas com autoridades governamentais, terá continuidade com posteriores encontros com os bancos. Ele assinalou que uma oportunidade para isso poderá ser a próxima reunião do comitê interino do Fundo Monetário Internacional, marcada para o dia 8 de abril, em Washington.

Em todos esses encontros, Dílson Funaro vem falando na necessidade de mudanças nos mecanismos internacionais de financiamento, para ele lentos e obsoletos. Como ele explicou ao ministro Stoltenberg, o problema da dívida não pode ser resolvido através da

recessão, mas somente com o crescimento.

Funaro insistiu que sua missão não é a de pedir dinheiro nem a de obter uma resposta imediata às dificuldades que acarreta uma mudança de política econômica — como a adotada pelo Brasil, ao suspender o pagamento dos juros da dívida.

O ministro lembrou que o presidente Sarney deseja negociar o débito, para que o Brasil tenha condições de aumentar os investimentos estrangeiros e nacionais, de maneira a poder encarar seu futuro com tranquilidade.

À saída de seu encontro com Stoltenberg — primeiro, no Ministério das Finanças alemão e, depois, em um jantar que lhe foi oferecido no restaurante Tulpenfeld, ao lado do Parlamento — Funaro disse que o superávit da balança comercial, este ano, deverá situar-se em torno dos oito bilhões de dólares e que o Brasil se utilizará desse dinheiro para pagar apenas

parte dos juros da dívida externa. A outra parte terá de ser refinanciada, ele afirmou. Segundo o ministro, essa é a oportunidade que o Brasil está tendo para crescer: “Quando pagávamos todos os juros da dívida, não sobrava dinheiro para as importações”.

Segundo os comentários de fontes ligadas aos bancos alemães, dificilmente o governo de seu país teria condições de influenciar os bancos privados no que diz respeito à dívida brasileira. A comunidade financeira, em Bonn, acha que o Brasil deverá apresentar uma proposta convincente de recuperação econômica e desistir de sua atitude contrária a um trabalho mais próximo ao Fundo Monetário Internacional. Os bancos alemães apóiam a ideia de Funaro de modificar a representatividade dos bancos europeus no comitê internacional, que coordena a dívida brasileira a qual, no entender do ministro da Fazenda, peca pela presença altamente majoritária de banqueiros americanos.